



3

*Renato Ortiz: Notas de Um Aprendiz**

Renato Ortiz: Notes from an Apprentice

**

Michel Nicolau Netto

* Recebido em: 03.03.2019.

Aprovado em: 07.06.2019.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. Email:

michelnicolau@gmail.com

Resumo: Este texto traz reflexões pessoais feitas a partir das leituras dos textos de Renato Ortiz e de nossa convivência, primeiro como orientando/orientador, depois como colegas e amigos. Para tanto, começo com a descrição de sua trajetória peculiar, que exigiu que Renato mobilizasse uma intensa reflexividade, uma vez que seu habitus não o levava ao caminho que seguiu nas ciências sociais. Em seguida, me concentro na reflexão sobre duas dimensões do pensamento de Ortiz: a relação entre escrita e pesquisa nas ciências sociais e, como proponho, sua forma de construção de objetos de pesquisa a partir da dimensão do poder.

Palavras-chave: Renato Ortiz, trabalho intelectual, ciências sociais.

Abstract: This text intertwines my readings of Renato Ortiz's texts and our acquaintanceship, first as an adviser, then as colleagues and friends. To this end, I begin with the description of his peculiar trajectory, which demanded from Renato the mobilization of intense reflexivity since his habitus would not lead him to the path he followed in the social sciences. Next, I focus on two dimensions of Ortiz's thought: the relationship between writing and research in the social sciences and, as I propose, his way of constructing research objects based on the dimension of power.

Keywords: Renato Ortiz, intellectual work, social sciences



Meus primeiros encontros com Renato foram casuais. Eu conhecia sua filha, Joana, amiga e colega de Maria Helena, minha então namorada, no curso de ciências sociais na USP. Por isso eu o via em pequenas comemorações, mas não me lembro de termos nessas ocasiões conversado. Na época eu fazia duas graduações, em direito e letras, e sociologia era uma referência distante para mim, mediada por meus amigos da FFLCH; Renato era o pai da Joana. Em 2002 Maria Helena se formou em ciências sociais, eu em direito, e fomos passar um ano em Londres. Ainda não tinha clareza sobre a carreira que eu seguiria, mas desconfio que foi nesse período que me despertou o interesse pelo tema da globalização, especialmente em seu aspecto cultural. Em Londres passou a me inquietar o fato de que não via ali apenas a fonte de uma cultura homegeneizadora e homogeneizada, mas uma série de convivências e conflitos com a diferença. Eu ainda me via como um escritor, amador que seja, e vislumbrei um projeto de livro de crônicas ou contos, não sabia. O livro, que nunca realizei, traria histórias curtas que eu presenciei que, em uma prosa literária, descreveriam algo como quadros da globalização. Quem acompanha meu trabalho já deve ter encontrado algumas dessas histórias por aí. Mas em Londres surgiu a primeira delas, que assim se desenrolava.

Um oficial do exército norte-americano, que trabalhava em Londres em 2003 cuidando do departamento de informação, de noite fazia um bico de gerente em um pub. No verão daquele ano, com o influxo de imigrantes (temporários, permanentes e temporários-permanentes) e turistas, precisou contratar um novo

funcionário para trabalhar no balcão, servindo bebida e petiscos. Colocou um recado na porta do pub informando de sua procura e logo vieram os candidatos. O que seria escolhido então entrou. Apresentou-se dizendo seu nome e tendo um currículo embaixo do braço. Mostrou um inglês impecável, disse estar estudando computação, provou sua legalidade no país e transpareceu simpatia. No currículo – pois o entrevistado não informou de cara –, o gerente notou que o candidato era natural do Irã. Esta informação, juntando com tudo o que notara de positivo do candidato, fez-lhe decidir por sua contratação. Era perfeito: bem-educado, fluente em inglês, necessitado do trabalho (o que garante empenho) e, ainda, iraniano, o que traria ao seu pub um ar de tolerância tão apreciado na política multicultural de Londres. Já na entrevista anunciou sua decisão e perguntou quando estaria disponível para começar. O iraniano, feliz com a notícia, se dispôs a trabalhar na mesma noite. E assim o fez. Um treinamento rápido e a frase de gerente “Take your time and you will soon get it all”, deixando o rapaz tranquilo. Quando o pub abriu, o iraniano não estava sozinho. Havia ali um outro funcionário (tampouco inglês) a quem observou para aprender os movimentos de seu trabalho. Um tanto mais tarde, já com um público considerável, o outro funcionário informou que havia recebido uma ligação no celular e que sairia rapidamente para atender, devendo o recém-contratado tomar conta do serviço. O iraniano buscou não mostrar preocupação e concordou. Em poucos segundos um burburinho em frente ao balcão, reclamações, vozes exaltadas. O gerente, então, correu de seu escritório e foi ver o que ocorria. Dirigiu-se ao iraniano, que estava estático, nitidamente sem reação frente à bagunça “What’s up, man?”. O iraniano caprichou no inglês “Quite simple, sir. They ask for spirits”. “So sell them”, disse o gerente. “I beg your pardon, sir, but I can’t. I’m a muslim, and can’t sell alcohol”.



¹ No capítulo “Cientificidade, cientometria e insensatez” presente no livro *A Diversidade dos Sotaques* (ORTIZ, 2008), Renato faz uma crítica contundente à mediação do trabalho intelectual em números. Certamente ele não faz isso como um ressentido. Segundo o Google Citation, Renato foi citado mais de 20 mil vezes (<https://scholar.google.com/citations?user=43A-6JgAAAAJ&hl=en>).

Publico aqui essa história pela primeira vez por dois motivos. Em primeiro lugar, porque Renato sempre me estimulou a registrar essas histórias e apresentar uma delas aqui significa dedicá-la a ele. Ainda porque, revisitando minha memória (tema que aprendi a gostar com o Renato), encontro na pequena história a curiosidade de uma pessoa que só seria satisfeita quando comecei a ter contato com os trabalhos de Renato. Assim que voltamos de Londres encontrei na casa de Maria Helena o livro *Um Outro Território* (ORTIZ, 1999), do pai da Joana. Foi o primeiro livro de Renato que li. Não me fiarei tanto em minhas reminiscências e 15 anos depois fazer um relato de minha leitura. Mas me lembro, e assim tenho anotado em um caderno, que foi especialmente sua noção de espaço que me impressionou. Ali, Renato negava a ideia de que o espaço havia desaparecido, mas não caía na tentação de dizer que nada havia mudado. A globalização criava um novo espaço e reconfigurava os existentes. Por isso, o espaço devia ser visto, como ele diz, “como um conjunto de planos atravessados por processos sociais diferenciados” (ORTIZ, 1999, P.57). Essa noção casava com minhas observações: em Londres, as culturas locais (como a do iraniano) eram transferidas para outro lugar, no qual se encontravam de forma sobreposta (em conflitos e acomodações) com outras culturais, locais, nacionais, transnacionais.

Dessa forma, foi pelo tema da globalização – logo conheci seu conceito de mundialização – que comecei a ler o Renato. Não por um interesse em uma carreira acadêmica, mas para dar sentido ao que eu mesmo vivia. Em 2003 comecei a trabalhar em uma ONG

que promovia música brasileira no exterior e meu trabalho me exigia viagens constantes. Fui descobrindo o mundo muito através da produção musical, e a obra do Renato me acompanhava como forma de dar ordem intelectual à vivência. Acho que essa é uma dimensão da obra do Renato que poucas vezes é atentada para quem vive no meio acadêmico, mas que se demonstra pelo fato de que ele é um dos autores brasileiros mais citados¹. Renato traz de Gramsci a visão sobre o intelectual como aquele que dá organicidade e coerência ao conhecimento comum, em geral feito em fragmentos. Os trabalhos de Renato, vistos em conjunto ou individualmente, têm a dimensão de tornar claro e visível aquilo que não percebemos, mas vivenciamos como um conhecimento pontual.

Em 2005 quis retomar as pesquisas acadêmicas e escrevi um projeto de mestrado para a área de sociologia, pensando na seleção da Unicamp e na orientação do Renato. Globalização era meu interesse, mas não estava certo onde ancorar uma pesquisa sobre o tema. Escolhi aquilo que na época gostava de ouvir, música caipira. Entendo que ali repetia uma tendência da área de letras, que é estudar aquilo pelo que temos apreço. Escrevi um projeto de pesquisa e o enviei a Renato para lhe informar, indiretamente, que tinha interesse de ser orientado por ele. Naquele momento já conhecia mais a obra de Renato, inclusive seus trabalhos anteriores ao tema da globalização. Me apresentei como amigo de Joana, mas não creio que tenha sido isso que o estimulou a responder o email e me chamar para conversar em sua casa (ele me disse, mais tarde, que achou que eu escrevia bem). Essa foi a primeira vez que



² Mais tarde o sociólogo argentino, amigo de Renato, Carlos Altamirano, lhe ensinou uma expressão que gosta de repetir: o trabalho intelectual exige desenvolver a “atención flotante”.

conversamos, além das ocasiões sociais. Meu projeto estava em cima da mesa de centro da sala, com suas anotações à caneta. Renato não estava empolgado com a proposta e me explicava suas razões. Dizia haver um descompasso entre minha problemática e meu objeto, pois aquilo que queria estudar não se via bem na música caipira. Perguntou-me, então, por que eu queria fazer uma pesquisa como aquela e eu lhe disse que era porque eu gostava de música caipira. Sua reação foi cirúrgica e hoje eu a repito a todos os meus alunos: na sociologia, ele disse, não estudamos o que gostamos, mas o que é importante para a explicação de uma problemática.

Paro por aqui minha lembrança, porque é esta frase que quero perseguir. Nela há duas características marcantes no trabalho de Renato que só muito mais tarde fui compreender. A primeira delas é sua reflexão sobre a pesquisa em ciências sociais. A segunda é a dimensão do poder em sua obra que aparece na noção de que devemos estudar “o que é importante.” É sobre essas duas características que quero fazer alguns apontamentos, que misturam um aprendizado feito em seus escritos, mas também nas lições que tive na convivência com Renato desde 2005. Antes quero fazer uma pequena introdução à sua trajetória para dar sentido, em alguma medida sociológico, ao que virá em seguida.

Um intelectual “estrangeiro”

Renato afirma que “a formação de meu habitus orientava-me para tudo o que não fui (2010)”. De fato, filho de pais que não frequentaram a universidade, sua primeira formação privilegiava a segurança de um emprego imediato, necessário para sua sobrevivência. Com dezessete anos, no fatídico ano de 1964, ele se formou como técnico de laticínio em uma escola agrária do interior de São Paulo. A insatisfação com essa experiência o levou para a capital do estado em busca de uma formação acadêmica, ainda em uma área voltada para a técnica. Em 1966, ele ingressou na Escola Politécnica da USP e tudo parecia apontar para um caso de sucesso de uma trajetória familiar ascendente via academia. Contudo, em 1969, antes de se formar, Renato deixou o projeto para trás e comprou um ticket de segunda classe, apenas de ida para Paris.

Ainda no interior de São Paulo, Renato havia tomado gosto pela leitura e pelo cinema, provavelmente porque ali encontrava obras que lhe permitiam flutuar a imaginação para outros lugares². A falta de maior oferta de livros e filmes, contudo, dispensava a angústia da escolha: vorazmente, assistia e lia a tudo que lhe caía nas mãos. Com o tempo foi criando uma predileção pelos romances e pelas obras de filosofia e ciências sociais. E foi pela cultura que, já na Poli, Renato conheceu a política. Ele mesmo assim narra: “Era uma época de reflexão e de embate político, processo que obrigatoriamente passava pelo tema da cultura. O teatro, o cinema, a música popular estavam dentro desse panorama crítico. Digamos que internalizei essa dimensão antes de partir para França” (em entrevista para VICENTE, VENANZONI & SOARES, 2017, p.



³ Além de textos esparsos, neste momento havia disponíveis no Brasil a tradução do livro *A Reprodução*, de 1975 (Bourdieu & Passeron, 2014 [1975]), e a coletânea de textos organizada por Sergio Miceli, *A economia das trocas simbólicas*, de 1974 (Bourdieu, 2003 [1974]). Ver texto de Renato sobre a recepção de Bourdieu no Brasil (Ortiz, 2013).

93). Renato se engajou na agitação, não como líder político, mas nas tarefas mais prosaicas – e muitas vezes esquecidas: distribuição de folhetos, segurança de peça de teatro ameaçada pela censura, etc. Em 1968 lá estava Renato como segurança voluntário da peça *Roda Viva*, de Chico Buarque, dirigida por Zé Celso Martinez.

Foi a partir dessas tarefas políticas, e na vivência que elas lhe proporcionavam, que Renato começava a articular as leituras dispersas de seus anos anteriores. Seu interesse pelo trabalho intelectual, rapidamente, vai se formando em sua mente e em seu corpo, antes, portanto, de se tornar a imagem de um possível futuro profissional, algo que apenas ocorrerá na França e, arrisco a dizer, depois de alguns anos por lá.

Mas fico nessa trajetória inicial para argumentar que Renato pode ser considerado aquilo que Bourdieu e Passeron chamariam de não-herdeiro (2013). Sua formação intelectual não se deu no berço, seus amigos de infância não eram aqueles com os quais depois passou a conviver nos bancos acadêmicos. Desconfio que ele sequer havia pisado em algum Instituto ou Faculdade de Ciências Sociais, ou talvez mesmo em alguma universidade, antes de sua entrada na Poli. E isso, argumento, trouxe as marcas que lhe formaram como intelectual.

Até hoje em suas aulas Renato provoca os alunos perguntando se eles consideram Bourdieu um bom autor (ele pode trocar o autor, tanto faz aqui). Os alunos correm em balançar a cabeça positivamente, mas logo Renato afirma que estão enganados: depende, ele diz. Por exemplo, para falar de globalização, Bourdieu

não é um bom autor. De fato, o trabalho intelectual para Renato gira em torno da construção de um objeto que se volte a explicar uma problemática. Para ele, não há autor bom (embora haja autores ruins, é evidente), mas autor bom para se entender aquilo que se quer explicar. Proponho que isso pode se dar porque Renato não é um herdeiro. Os herdeiros conhecem as classificações do trabalho intelectual antes de conhecerem os autores e os textos. Eles já sabem o que devem ler e, quando leem, já sabem como devem os classificar. Tendem, assim, a reproduzir as escolas, a relacionar de forma indissociável suas pesquisas a uma base teórica na qual foram socializados. Com Renato se passou o contrário: seu interesse pelo trabalho intelectual antecedeu as formas de classificação desse trabalho. Como um não herdeiro, o campo intelectual para Renato era algo externo e nele entrou tal qual o estrangeiro de Simmel (1992), como aquele que se movimenta a partir de fora e uma vez dentro se fixa, mas mantém uma relação tensa com o lugar de fixidez. Essa relação tensa permitiu que Renato conhecesse profundamente aquela “sociedade”, mas com um olhar diferente daquele que nela domina, capaz, assim, de não reproduzir seus conhecimentos e suas interpretações tradicionais. De fato, ainda que possa discordar das principais interpretações de Renato, não seria capaz de negar que Renato sempre traz um pensamento novo, distante do senso comum, especialmente do senso comum acadêmico.

Essa sua posição de estrangeiro no campo exigiu que Renato tivesse uma ampla formação acadêmica, amadurecida com os anos.



⁴ Para entender o incômodo de Renato com o tema da pós-modernidade, veja Ortiz (1992a). Ainda, para compreender a relação entre pós-modernidade e globalização em seu pensamento, um boa reflexão está em “Globalização: notas sobre um debate” (ORTIZ, 2009)

Na França teve uma sólida formação dentro do marxismo e do estruturalismo, tendo mesmo estudado com alguns de seus ícones. Dali também seu primeiro contato com Pierre Bourdieu, cuja obra ainda era pouco disseminada no Brasil³, quando Renato publicou, na coleção “Grandes Cientistas Sociais”, dirigida por Florestan Fernandes, *Pierre Bourdieu: Sociologia* (BOURDIEU, 1983). Também na França, em função de seu doutorado com Bastide, Renato se aprofundou nos estudos sobre religião e cultura brasileiras que lhe deu as bases para interpretações hoje clássicas sobre identidade nacional (ORTIZ, 1994b [1985]; ORTIZ, 1978). Na década de 1980, já no Brasil e nos períodos em que lecionou nos Estados Unidos, teve intenso contato com a escola sociológica americana, com os escritos da escola de Frankfurt, que lhe permitiram articular os conhecimentos anteriores na produção de teses sobre cultura brasileira e modernização (ORTIZ, BORELLI, & RAMOS, 1989; ORTIZ, 2001 [1988]). Ainda na década de 1980, Renato tomou contato com os escritos sobre a pós-modernidade, dos quais se afastou rapidamente⁴, e com as primeiras obras sociológicas sobre globalização, em especial o trabalho pioneiro de Immanuel Wallerstein. Considero – e digo isso rapidamente – que Wallerstein é um autor fundamental nas elaborações de Renato em *Mundialização e Cultura* (ORTIZ, 2003 [1994]), e isso por dois motivos. De um lado, sistema-mundo, de Wallerstein (2011), é a primeira categoria rigorosa das ciências sociais que permitiu o deslocamento da análise do Estado-nação para o mundo, e a compreensão do mundo como uma totalidade, algo recebido

conceitualmente por Renato. De outro, contudo, o economicismo de Wallerstein é o colosso a ser abatido, e é contra esse colosso, em especial, que a categoria mundialização é forjada por Renato.

Nessa trajetória formativa é marcante como ao mesmo tempo em que Renato não se filia a nenhuma tradição, busca usar todas as tradições de forma a construir suas pesquisas. Sem nunca se deixar fincar raiz nos autores que lê, aproveita de cada um o que entende haver de melhor a oferecer para suas pesquisas. Ao mesmo tempo, Renato não se torna um intelectual panorâmico. Ao contrário, ele sempre primou pela dedicação aprofundada dos textos e, para isso, não toma atalhos. Os comentadores nunca lhe serviram de muleta e em toda sua obra se nota o uso das fontes primárias. Quando escreve sobre os folcloristas, ali estão os próprios folcloristas, nos textos do século XVIII (ORTIZ, 1992b); quando escreve sobre Paris, ali está uma gama imensa de autores do século XIX (ORTIZ, 1991), e assim por diante. Contudo, raramente ele permite que os autores enuviem suas explicações. Renato possui vários textos dedicados a autores ou a tradições. Seus textos sobre Durkheim (ORTIZ, 1989), Bourdieu (ORTIZ, 1983), Fanon (ORTIZ, 2014)(Ortiz, 2014), Fanon e ISEB (ORTIZ, 1994a [1985]), escola de Frankfurt (ORTIZ, 1986), Benjamin (ORTIZ, 2000a) são hoje referência nas ciências sociais. É nesses textos que ele debate esses autores. Contudo, ao tratar de objetos de pesquisa, os autores são sempre usados de maneira cirúrgica, de forma calculada a beneficiar a costura de seus argumentos. E, nesse sentido, Renato é



capaz de mobilizar em cada uma de suas análises os mais diferentes autores sempre no sentido que eles sirvam ao objeto analisado.

As ciências sociais e a escrita

Sua trajetória não permite que Renato se refira a uma escola. Da mesma forma, ele não possui qualquer deslumbramento por determinado autor ou tradição, mas uma relação de respeito, proximidade e distanciamento com tantos. Mas há algo que lhe encanta acima de tudo: o trabalho intelectual. De fato, Renato se dedicou como poucos intelectuais, em especial no Brasil, a refletir sobre esse artesanato, como se atesta no livro *Ciências Sociais e o Trabalho Intelectual* (ORTIZ, 2010) ou no seu livro-memorial *Trajetos e Memórias* (ORTIZ, 2010b), e em tantos outros artigos. Recentemente Mariana Chaguri e eu convidamos Renato para criar um curso no programa de pós-graduação de sociologia da Unicamp. Não tínhamos muita clareza sobre o que seria o curso, mas nos preocupávamos com o pouco espaço que os alunos tinham para debater as formas de fazer pesquisa. Renato veio com a ideia do Ateliê Sociológico, curso que ele já ministrou três vezes desde 2016, uma das vezes em parceria com PPG em sociologia da UnB, parceria lá encabeçada por Edson Farias. O curso, como se propõe na ementa, é “uma proposta de reflexão sobre o trabalho sociológico (...)” e se volta “para desenvolver a reflexividade sobre nossa própria prática intelectual.”

Nesse curso – eu tive a oportunidade de dividir algumas das aulas com Renato na primeira vez em que foi oferecido –, a prática intelectual e o trabalho sociológico são encarados em suas múltiplas dimensões. Me chama atenção, contudo, duas dimensões que são fundadoras, argumento, de seu fazer intelectual: a escrita e a construção do objeto. Eu dizia acima que sua obra é amplamente conhecida não apenas nas ciências sociais, e argumento agora que uma das razões para tanto é sua preocupação com a escrita. Ele próprio afirma que seus “livros são feitos para um público que não é necessariamente especializado (isso é deliberado). (...) Claro, são direcionados para um público, digamos assim, *culturalizado*, mas não se reduz ao grupo restrito da especialização acadêmica. Os livros e os textos têm assim uma abrangência maior”. Renato segue à risca uma lição de Wright Mills, para quem “pensar é uma luta pela ordem e ao mesmo tempo pela compreensão” (WRIGHT MILLS, 2000) e, nesse sentido, me lembra Matisse, quando esse dizia fazer um grande esforço para que as pessoas achassem que não havia qualquer esforço em seus quadros (SYLVESTER, 2006, p. 168). A escrita, portanto, é matéria que dá ordem às ideias e as torna compreensível; ela não é o registro do trabalho intelectual, mas parte de sua construção.

Ser entendido, contudo, não é ser simples. Ao contrário, os textos de Renato são compreensíveis, o que não significa dizer que sejam fáceis de ler (por isso ele se refere a um público *culturalizado*). Isso se dá porque Renato tem uma escrita precisa, sem atalhos. Não há sentença no trabalho de Renato que seja



dispensável e isso porque toda a escrita está a serviço do objeto de pesquisa, da explicação do problema, dos argumentos que o autor busca avançar. Isso se nota de maneira evidente na maneira como Renato usa outros autores, conforme explorei acima. Ele não se permite fazer resenhas de autores em seus trabalhos de pesquisa (já disse, há espaço para isso em obras sobre os próprios autores), mas busca sintetizar ao máximo suas ideias centrais, seja para tornar mais claras as explicações que quer dar, seja para refutar tais ideias como forma de apresentar uma nova explicação.

Ainda, Renato coloca a escrita à serviço de seu objeto na forma como ele trabalha os exemplos. Outra lição que Renato parece seguir de Wright Mills é: “nunca escreva mais do que três páginas sem pelo menos ter um exemplo sólido na cabeça” (WRIGHT MILLS, 2000). Isso significa que os exemplos têm uma função explicativa, mas essa se dá por sua potência de representar um todo e nunca pela enumeração. Muitos trabalhos entendem que ao dar muitos exemplos se está provando um ponto. Os exemplos são muito perigosos, porque podem apenas reforçar o senso comum. Para usar um caso clássico: ao encontrar vários exemplos de pessoas que ascenderam socialmente, de pobres se tornaram ricas, posso construir um argumento para sustentar que tais ascensões comprovam que a desigualdade social é um problema individual, relacionado à falta de esforço de cada um, já que tantos conseguiram. A dificuldade de sustentar algo assim falacioso costuma, justamente, ser acompanhada pela enumeração de vários

exemplos, demonstrando que o raciocínio em si não é forte o suficiente.

O exemplo, para Renato, opera de outro modo: ele é uma forma de confirmar um raciocínio bem construído, que se manteria sem ele, mas não seria tão compreensível ao leitor. Por isso, o exemplo deve ser um bom exemplo, deve ser heurístico e, assim, apresentar grande potência explicativa. Cada argumento de Renato traz poucos exemplos, muitas vezes apenas um, sempre potentes. Por isso, nada faz os olhos de Renato brilharem mais do que um bom exemplo. Adoto esse ensinamento aqui para elucidar o ponto e escolho um exemplo: a língua. A língua é usada frequentemente por Renato para explicar a diferença entre globalização e mundialização. Isso não significa que não haveria outros exemplos – se não os houvesse, não estaria certa a explicação –, mas que a língua explica melhor. De fato, a coabitação da língua nacional – muitas vezes de línguas infranacionais – e do inglês em nosso cotidiano, explica que o inglês é uma língua mundial, não global, pois “sua transversalidade revela e exprime a globalização da vida moderna; sua mundialidade preserva os outros idiomas no interior deste espaço transglóssico” (ORTIZ, 2003, p.29).

A construção do objeto e o poder

Talvez em nenhum outro lugar de sua obra a tradição francesa – de Durkheim a Bourdieu e Passeron – apareça de forma tão evidente na produção de Renato quanto em sua reflexão sobre o



fazer científico. Se este, como já disse, é um tema constante em sua obra, importa aqui notar sua relação com o objeto sociológico. Construir uma pesquisa sociológica não é uma tarefa fácil. O primeiro ato epistemológico – para dizer como Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007) trouxeram de Bachelard – que Renato empreende é a ruptura com o senso comum. Mas a própria noção de senso-comum em sua obra é alargada. Ela não está apenas naquilo que os não sociólogos ou não cientistas compreendem superficialmente, mas também no conhecimento repetido que o próprio intelectual produz. A ruptura com o senso comum intelectual, assim digamos, aparece em toda obra de Renato. É na ruptura com ele que Renato produz sua proposta de investigação da identidade nacional como uma construção e não como um trabalho de descoberta da essência de um povo. Hoje essa noção parece consolidada nas ciências sociais, mas quando Renato escrevia (*Cultura Brasileira e Identidade Nacional* ficou pronto em 1981, embora tenha sido publicado em 1985), sequer Hobsbawm e Ranger tinham lançado *A Invenção das Tradições*, texto publicado em 1983 (1997). A ruptura com o senso-comum permanece constante na obra de Renato e viaja com ela para a dimensão global. No texto “Senso-comum planetário”, Renato busca desconstruir noções presentes tanto entre os autores da área de administração e marketing, como das próprias ciências sociais, tais quais “sociedade em rede”, “sociedade do acesso”, “aldeia global”, etc.

A ruptura com o senso comum é necessário porque os sujeitos não possuem consciência sobre o mundo social e, dessa

forma, o trabalho do sociólogo é revelar o que está velado dando ao conhecimento uma organicidade (ORTIZ, 2006, p.49). Envolto em suas vidas cotidianas os sujeitos adquirem um conhecimento prático que, se lhes permite dar conta de suas tarefas, não lhes permite elaborar um conhecimento objetivo, que se destaque de suas próprias subjetividades. Por isso que o trabalho intelectual exige um distanciamento. O problema é como se dá esse distanciamento. Se a memória não me falha é em *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 1997) que Bakhtin afirma que a melhor visão dos traços de uma montanha não é de quem está muito longe, porque a distância impede de captar seus detalhes, nem de quem está perto demais ou mesmo sobre ela, porque aí os traços se tornam pedras e rachaduras, não formando na visão qualquer desenho. Desconfio que Renato concordaria com essa imagem. De fato, ele próprio buscou produzir três imagens para falar da postura do intelectual frente a seu objeto: a viagem, o estrangeiro e o *flaneur*. De comum há nessas figuras a ideia do deslocamento, do se distanciar, mas ao mesmo tempo se manter dentro. Renato insiste que o distanciamento do intelectual – especialmente do sociólogo que sempre estuda a sociedade em que está imerso – deve ser apenas o primeiro movimento. Em seguida, ele precisa voltar, adentrar seu objeto, falar de dentro dele com as ferramentas que ele adquiriu ao se distanciar. É de fato um trabalho de idas e vindas infundáveis, obrigando o intelectual a se manter sempre em movimento.

É a partir dessa postura, de aproximação e afastamento, que Renato constrói os objetos que irá pesquisar, tendo sempre em vista



⁵ Volto aos dados do Google Scholar para mostrar como a atenção à obra de Renato se mantém com o tempo. Tomo como exemplo duas obras da década de 1980. *A Moderna Tradição Brasileira* foi lançada em 1988 e em 2006 ultrapassou as 100 citações por ano, com 118. Desde então, todos os anos até 2017 houve ao menos 100 citações a esse livro e ainda em 2017 eram 142. O mesmo se pode dizer sobre *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. Lançado em 1985, em 2008 atinge mais de 200 citações anuais (202). Desde então, até 2017, só baixou das 200 em 2010 (com 198) e no último ano desta série teve 210.

⁶ Em seminário na mesa *Cultura Popular*, durante o Colóquio Renato Ortiz (ECA/USP, 25/08/2017).

a ruptura com o senso comum. Por isso seus objetos não são escolhidos aleatoriamente. É Weber que nos ensina que a neutralidade axiológica se dá apenas depois de uma tomada de posição (WEBER, 2016). Nesse primeiro momento, quando o intelectual irá escolher seu tema, definir sua problemática e, enfim, construir seu objeto, a subjetividade do intelectual está presente. Argumento que a construção do objeto em Renato obedece a uma escolha informada pela lógica do poder.

Nas análises de Renato não se encontra a verve política tão marcante de outros autores, inclusive daqueles com os quais Renato tem grande proximidade, como de seu amigo Octavio Ianni. Ao contrário, os adjetivos de Renato são comedidos, as palavras são bem pesadas. Renato não se apega àquilo que talvez seja o mais visível, porque muitas vezes o visível é só aquilo que está na superfície e logo se esgota no tempo. O que lhe importa é o que ainda está invisível, ressoando a lição de Bachelard para quem “só existe ciência do que está oculto” (BOURDIEU, CHAMBOREDON & PASSERON, 2007). Talvez seja por isso que seus livros durem no tempo e mesmo os mais antigos sejam até hoje bastante lidos⁵. Um exemplo: em *Moderna Tradição Brasileira* (ORTIZ, 2001 [1988]), Renato adianta a proposta de que a censura na ditadura não pode ser compreendida fora do projeto modernizador dos militares. Por isso, a censura precisava ser seletiva, proibir certas obras, mas nunca um setor (peças eram proibidas, mas não o teatro; livros, mas não a literatura, etc.). Dessa forma, ele conclui, a censura tinha duas faces: uma que castrava obras e outra que desenvolvia a indústria

cultural no Brasil. Essa interpretação de Renato, como afirmou Marcelo Ridenti⁶, forma hoje uma espécie de consenso no Brasil, a ponto de esquecermos que ela um dia foi formulada. Contudo, a possibilidade de sua produção se deu justamente pela postura intelectual de Renato. Retomo o começo do texto e lembro de sua vivência política, justamente em relação a obras censuradas na ditadura. Sua postura intelectual, contudo, permitiu o distanciamento necessário para afirmar que a ditadura, de fato, desenvolveu a cultura no Brasil (um escândalo para muitos da esquerda), mas que não deixou de ser castradora (uma obscenidade para a direita).

Essa objetividade, dada por sua postura intelectual, pode ser confundida em uma leitura desatenta de sua obra, com uma postura não política, não interessada nas relações de poder. Em verdade, em toda a obra de Renato o que está em jogo são as relações de poder e há casos óbvios disso, como em sua análise sobre o domínio do inglês nas ciências sociais (ORTIZ, 2008). Argumento, contudo, que isso se torna mais evidente na própria escolha do objeto que construirá. É a dimensão do poder que os informa. Renato costuma dizer que escolhe seus objetos pelo seu potencial explicativo. Foi isso que o fez me dizer que meu objeto inicial de mestrado pouco me ajudaria em minha problemática. Contudo, considero que isso é dizer pouco: Renato escolhe objetos que se constroem como lócus de concentração de poder. Então vejamos: quando Renato escolhe a língua a ser estudada na globalização, ele escolhe o inglês (ORTIZ, 2008); quando escolhe a cultura em que se focará para estudar a



⁷ *O Universo do Luxo*. O livro está no prelo, tanto em sua edição em espanhol, quanto em português.

¹ Essa crítica à autora também é feita por Taylor, Derudder, Saey e Witlox (2007)

⁸ Essa crítica à autora também é feita por Taylor, Derudder, Saey e Witlox (2007)

cultura na globalização, escolhe a cultura de consumo, aquela que ali “desfruta de uma posição de destaque” (ORTIZ, 2003, p. 10); para estudar a modernidade, Renato escolhe a França (ORTIZ, 1991); mesmo para apresentar um outro lugar da globalização – uma vez que ele havia se dedicado mais fortemente aos EUA e à Europa –, ele escolhe o Japão (ORTIZ, 2000b). Renato agora está interessado na formação de um gosto global e seu objeto é aquilo que chama de universo do luxo, ou seja, a vida e o consumo dos super-ricos⁷. Isso não é dizer que não haja relevância em deslocar a problemática em objetos fora do lócus do poder. O que ocorre é que daqueles lugares se veem melhor os processos. Isso fica claro na discordância de Renato com a ideia de cidades globais, de Saskia Sassen (ORTIZ, 1999). Quando Sassen afirma serem as cidades globais lugares em que se produz a globalização (SASSEN, 1991), ela parece afirmar que fora das cidades globais não haveria globalização⁸. Renato poderia construir as cidades globais como objeto para se estudar a globalização, não para afirmar que é ali onde está a globalização, mas para ter um objeto no qual um processo se torna mais visível porque concentra o poder.

Considerações finais

Apesar de seus ensinamentos, não é possível me posicionar distante da relação que tenho com Renato, enquanto autor,

professor, colega e amigo. Mas essa não era, de toda forma, a intenção aqui. E por isso termino com uma nota pessoal.

O que mais me marca em Renato é a forma de seu comprometimento com seu artesanato. Wright Mills, mais uma vez, dizia que os “pensadores mais admiráveis não separam seu trabalho de suas vidas” (WRIGHT MILLS, 2000). O trabalho intelectual de Renato, de fato, não se separa de sua vida, e toda conclusão de um livro é acompanhada pela inquietação para uma nova pesquisa. E isso não se dá porque há um sistema burocrático que o induz, mas porque há sempre novas perguntas que ele sente necessidade responder. Em um momento no qual o trabalho intelectual tende a se resumir a resultados quantitativos, no qual produção virou sinônimo de notas e números, Renato nos lembra de que aquilo que nos forma e nos movimenta ainda deve ser a curiosidade do saber sociológico.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. 2003.

BOURDIEU, P. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática. 1983.

BOURDIEU, P., & PASSERON, J.-C. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis: Editora Vozes. 2014.



BOURDIEU, P., & PASSERON, J.-C. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC. 2013

BOURDIEU, P., CHAMBOREDON, J.-C., & Passeron, J.-C. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis: Vozes. 2007.

HOBSBAWM, E., & RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

ORTIZ, R. *A diversidade dos sotaques (o inglês e as ciências sociais)*. São Paulo: Brasiliense. 2008.

ORTIZ, R. A escola de Frankfurt e a questão da cultura. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1. 1986.

ORTIZ, R. *A Moderna Tradição Brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense. 2001.

ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis: Editora Vozes. 1978.

ORTIZ, R. A recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. *Sociologia & Antropologia*, 03 (05), 81-90. 2013.

ORTIZ, R. Alienação e cultura: o ISEB. In R. Ortiz, *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense. 1994^a.

ORTIZ, R. *Ciências sociais e o trabalho intelectual*. São Paulo: Olho d'Água. 2002.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense. 1994b.

ORTIZ, R. *Cultura e Modernidade*. São Paulo: Brasiliense. 1991.

ORTIZ, R. Durkheim: arquiteto e herói fundador. *Revista brasileira de ciências sociais*, 4 (11). 1989.

ORTIZ, R. Espaço e territorialidade. In R. Ortiz, *Um outro território*. São Paulo: Olha D'Água. 1999.

ORTIZ, R. Franz Fanon: um itinerário político e intelectual. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCAR*, 4. 2014.

ORTIZ, R. Globalização: notas sobre um debate. *Sociedade e Estado*, 24. 2009.

ORTIZ, R. Introdução: A procura de uma sociologia da prática. In P. Bourdieu, *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática.

ORTIZ, R. (2003). *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1983.

ORTIZ, R. *O próximo e o distante: Japão e modernidade*. São Paulo: Brasiliense. 2000b.

ORTIZ, R. O senso comum planetário. In R. Ortiz, *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense. 2006.

ORTIZ, R. Reflexões sobre a pós-modernidade: o exemplo da arquitetura. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 1992a.

ORTIZ, R. *Românticos e Folcloristas*. São Paulo: Olho D'Água. 1992b.

ORTIZ, R. (2010). *Trajetos e memórias*. São Paulo: Editora Brasiliense.

ORTIZ, R. *Um Outro Território*. São Paulo: Ed. Olho D'água. 1999.

ORTIZ, R. Walter Benjamin e Paris: individualidade e trabalho intelectual. 12. 2000^a.

ORTIZ, R., BORELLI, S., & RAMOS, J. *Telenovela: História e reprodução*. São Paulo: Brasiliense. 1989.

SASSEN, S. *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press. 1991.



SIMMEL, G. Exkurs üben den Fremden. In G. Simmel, *Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung. Gesamtausgabe Band 11* (pp. 764-711). Frankfurt am Main: Suhrkamp. 1992.

SYLVESTER, D. *Sobre Arte Moderna*. São Paulo: Cosac & Naify. 2006.

TAYLOR, P., DERUDDER, B., SAEY, P., & WITLOX, F. *Cities in Globalization: practices, policies and theories*. New York: Routledge. 2007.

VICENTE, E., VENANZONI, T. S., & SOARES, R. d. Renato Ortiz: tecido da escrita, teia da memória. *Matrizes*, 11 (3), 91-112. 2017.

WALLERSTEIN, I. *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century, With a New Prologue*. Berkeley: University of California Press. 2011.

WEBER, M. A 'objetividade' do conhecimento na ciência social e na ciência política. In M. Weber, *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo : Cortez. 2016.

WRIGHT MILLS, C. *The sociological imagination*. Oxford: Oxford University Press. 2000.